

As musas inspirando a pintura — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Já, musas, perdoae, sois profanadas,
Já comvosco não se usa o que se usava;
Pois tratadas sois como profanas,
Sendo julgadas já por leis humanas!

FILINTO ELYSIO

Os pagãos tinham uma divindade que lhes servia de protectora, ou padrinha (como lhe chama o nosso Bluteau) para cada coisa de seu empenho. D'aqui resultou a immensidade de deuses que elles adoravam, e que formam o longo calendario da mythologia, a que nós chamâmos fabula, sendo aliàs uma historia mui verdadeira, posto que symbolica.

Para o protectorado das sciencias e artes foram destinadas as nove musas, com o seu presidente effectivo, Apollo, o deus da luz.

Todo aquelle que se dedicava a qualquer sciencia ou arte sem ter o favor da correspondente padrinha, morria moiro, isto é, sem nome, ignorado e obscuro, na sciencia ou arte que professava.

É o que ainda hoje acontece. Se a musa não inspira o poeta, o musico, o pintor, o artista em fim, vel-o-hemos morrer sem deixar o seu nome inscripto nos fastos da immortalidade, que tem cada nação á parte.

Se este oraculo se consultasse para todas as vocações, muitos talentos se houveram de assignalar, que por um impulso ou atrevimento cego do capricho, ficam no escuro da mediocridade ou da nullidade.

Ainda mal que para muitos d'esses, entre nós, é que luz o oiro: a esses se dão as cadeiras em vez das tripeças; as pastas em logar dos alforges; as varas em troca dos varaes para que nasceram; as pennas em vez de enxadas: os pinceis em logar das brochas; o lapis em vez do giz; o cinzel em vez do picão; o buril em logar da verruma: em summa, tudo trocado e baralhado como hoje se vê e se não acreditará no futuro.

As musas eram principalmente tomadas por padroeiras dos poetas, e por consequencia dos pintores, porque a pintura é

« A muda poesia que descreve
A natureza toda em quadro breve »

Tinha porém esta arte entre os gregos sua personificação especial, symbolisada n'uma esbelta mulher, de formoso semblante, pomposamente vestida de varias côres, coroada de loiros como a poesia; os cabellos soltos, mas annelados, significativo de engenhosos pensamentos, e as sobrancelhas arqueadas, que tambem denotam altas idéas. Penduravam-lhe ao peito uma mascara, emblema da imitação; punham-lhe na mão direita um pincel, e na esquerda uma taboa com figuras esboçadas.

Os romanos apenas a representavam com a palheta, os pinceis e o tento nas mãos. E n'algumas estatuas antigas do Lacio tem mais a imagem da pintura a bocca tapada com um listão, para denotar

que a arte, bem como o estudo, necessitam de silencio, e não podem dar trela aos ociosos.

Dadas estas noções aos que d'ellas necessitam, conhecerão esses facilmente agora, que o auctor do quadrinho que hoje damos gravado, composição engenhosa do nosso distincto desenhador o sr. Nogueira da Silva, nos mostra, n'um grupo artisticamente combinado, a pintura recebendo das musas da poesia e da musica, a imagem dos que ellas haviam inspirado sob este abençoado ceo de Portugal, para as perpetuar na tela.

Os genios, cortejo official de taes divindades, estão pendurando no templo da immortalidade os retratos já feitos. O primeiro que subiu a esta gloria posthuma foi Camões; segue-se-lhe Grão-Vasco, e depois Santos Pinto, fecundo compositor musical, que ha poucos annos a arte dos sons, entre nós, teve a desgraça de perder.

O pensamento, por engenhoso e patriotico, deve merecer da parte do publico portuguez os louvores que nós aqui damos ao laborioso artista, a quem estas paginas devem tantos desenhos festejados, e que actualmente se está esmerando na variada collecção de gravuras que hão de illustrar a edição de Nicolau Tolentino, que em breve contam dar á luz os editores do *Archivo Pittoresco*.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 138)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

A casa onde falleceu o visconde de Almeida Garrett nada tinha de notavel antes d'este doloroso successo. É uma construcção vulgar, de modesta e até pouco elegante apparencia, tendo interiormente accommodações que bastavam apenas para a limitada familia do poeta. O inquilino arrendára-a por muitos annos, ao tempo em que ella se andava ainda edificando. Vendo o destemperado risco por que a estavam fazendo, quiz acudir-lhe ainda com o remedio do seu apuradissimo gosto, mas pouco ou nada póde conseguir para melhoral-a. Lembra-me bem de o ouvir lastimar muitas vezes a falta de senso commum que preside em Lisboa á construcção das casas, e fui por vezes testimunha das luctas que elle teve de sustentar, para obter na que devia habitar alguns, ainda que pequenos, melhoramentos.

Não foi pois por culpa sua que deixou de fazer-se um bello edificio em vez do actual. Elle desenhava um monumento onde o luxo e o conforto, alliando-se mais tarde aos primores da architectura e da esculptura, tornariam dulcissima a existencia dos que alli vivessem: por este sonho da sua bella fantasia deram-lhe uma casa insignificante, indigna quasi de um poeta habituado a tornar immortal tudo quanto fosse tocado do seu genio! Mas ella será celebre apesar d'isso. Nem a sua forma mediocre, nem a especie de esquecimento em que jaz pela affectada indifferença do nosso tempo, a poderão condemnar a perpetua obscuridade! Oh! não; engana-se quem pensar o contrario. Os contemporaneos nunca são bons juizes para julgar causas d'estas; mas a posteridade é justa, e quando ella chega com a sua grande luz sobre a memoria dos grandes homens, já se não agitam em torno d'elles as paixões que podiam esfriar a admiração, e fazer calar o enthusiasmo até nos corações mais generosos. A posteridade, prophetiso-o, affirmo-o, irá procurar a casa onde expirou o cantor de Camões, e oxalá que estas linhas singelas não pereçam antes, para lhe servir de guia.

....

A porta principal é ao centro da casa, e tem de cada um dos lados uma janella com grades de ferro, seguindo-se a cada janella um largo portão. O da esquerda deita para a cocheira, cavallariça e palheiro; e o da direita communica para os quartos inferiores, e para o jardim.

Na cocheira havia uma carruagem moderna, e uma traquitana. Poucos dias antes da mudança comprou o poeta dois machos, ainda novos, a que chamava monumentos de luxo capital, e que eram tratados como verdadeiros mimosos da fortuna. O sr. D. Pedro Moscoso, que tinha dado o seu voto para aquella compra, aliás excellente, presidiu aos arranjos de cocheira e cavallariça, e só depois de um severo exame feito em todos os objectos necessarios para o bom tratamento dos animaes, permittiu que estes tomassem posse da sua nova morada. O Gonçalves trabalhava como um negro na disposição da mobilia, brigando diariamente com os armadores, pintores, marceneiros, e com o encadernador que arranjava uns cartões para duas estantes.

Eu fingia cuidar do jardim, e do arranjo dos livros e papeis que deixei sempre desarranjados, até que o Gonçalves se resolveu um dia a soccorrer-me, arrumando-os commigo.

Pintou-se tudo, repararam-se todas as faltas apontadas na carta do poeta, poz-se em ordem a mobilia, e pouco faltava a fazer quando elle, cada vez mais doente, e instado pelo sr. Dr. Barral, se resolveu a vir para Lisboa.

Na vespera, eu e Gonçalves passámos todo o dia a pôr em ordem os papeis manuscriptos, as correspondencias e contas numerosissimas, e até os *roes* da despeza diaria de Garrett, que eram sem numero, e que elle tinha cuidadosamente arrecadados! Collocámos os livros nas estantes, e até limpámos o pó dos moveis!, tendo por unico auxiliar um criado meu, que tinha ido para nos fazer o jantar. A casa estava linda; póde dizer-se que o bom gosto, o conforto e a elegancia reinava por toda ella; até vendo-a de fóra nos parecia mais bonita! Garrett possuia n'um grão elevadissimo o sentimento do bello; Gonçalves não é pêco, e eu, com taes mestres, ensoberbecia-me quasi de rivalisar com elles. Preparámos tudo com esmero, e dando os maiores cuidados ás mais pequenas bagatellas, para que tudo se harmonisasse, e nem um só objecto, por mais insignificante que fosse, ferisse com a sua desafinação o melindroso gosto do nosso elegante mestre. Foi uma porfia, uma lucta com a impertinencia de que elle era dotado, e ao mesmo tempo uma certa ambição de recebermos em premio de tantos esforços, um comprimento que testimunhasse a sua alegria. Andavamos contentissimos a correr os quartos, salas, escriptorio e cozinha. Desciamos e subiamos as escadas; iamos ao jardim, catavamos as plantas, arrancavamos a herva mais innocente que achavamos ao pé das flores por nos parecer damninha; entravamos e saiamos cem vezes n'uma casa, afagavamos os moveis, reviamo-nos por assim dizer em tudo que nos cercava; e creio que se os machos estivessem na cavallariça, os teriamos limpado e talvez abraçado!

Parecia remoçarmo-nos com aquelles cuidados e alegrias, no meio de tantos objectos d'arte e gosto, vendo em tudo uma preferencia de elegantissimo conforto, e pensando na innocente satisfação do hospede, que tanto suspirava pela sua casa nova! A não ser a vista para mim sempre desagradavel dos cyprestes fronteiros, parece-me que era capaz de jurar em como aquella habitação estava assim preparada para dar saude, felicidade e longa vida ao nosso querido poeta. Mas as arvores sinistras pareciam ver com maus olhos aquelles preparativos, e rangiam de vez em quando de um modo que me

fazia fugir o riso e apertar-se-me o coração no peito!

É cruelmente verdadeiro o rifão que diz: *Ninho feito, ave morta.*

O dia seguinte foi um dia de festa. . . Havia comtudo uma differença das festas verdadeiras.

À hora do jantar tinham passado já as impressões da surpreza e satisfação que teve o poeta ao entrar em casa, e as dores da enfermidade permaneciam; por conseguinte, um ou outro gemido mal abafado levou a pouco e pouco a tristeza ao fundo de todos os corações. Veiu o silencio, que não é proprio das festas, e o banquete reduziu-se a pouco mais de gallinha e caldo, por causa das tentações que poderia ter o doente, se visse outra coisa. Triste festa, na verdade!

Quando eu saí com o Gonçalves, ás 11 horas da noite, fomos até á Patriarchal Queimada sem dizermos uma palavra um ao outro. Alli, separámo-nos, e então manifestámos ao mesmo tempo o nosso pensamento com estas palavras:

«Aquillo está perdido!»

E estava.

(Continua) F. Gomes de Amorim

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 155)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

III

Santiago e Catalina voltaram da missa das almas, ao nascer do sol, e duas horas depois ficaram exclusivos donos de Ipenza, porque os outros moradores desceram para a missa do dia, encarregando os rapazes de cuidar, Catalina da panella e das gallinhas, e Santiago das herdades, continuamente expostas ás invasões das salteadoras cabras, apesar das sebes e valados.

Catalina desempenhava as suas funcções culinarias como mulhersinha arranjada; porém Santiago contentou-se com desempenhar as que lhe incumbiram delegando-as em Navarro, que foi posto de sentinella n'um alto que dominava as herdades; mas que, apenas se retirou o dono, enroscou-se para dormir á sombra da mais proxima parreira.

Santiago, cuja indole era opposta á de Navarro, Santiago, que não podia estar quieto, que, segundo affirma sua mãe, parecia ter azougue, entretinha-se no campo fronteiro ao casal em atirar pedras aos passarinhos que pousavam nas arvores.

De repente, soou um tamboril nas montanhas do outro lado do valle, em que assentava a ermida de S. João, e onde havia festa n'aquelle dia.

Santiago, ao ouvil-o, começou a dançar como louco, escolhendo por par, á falta d'outro, o tronco de uma cerejeira. . .

— Duvidas? Julgas que não ha quem leve tão longe a paixão pela dança?

Santiago imitava um homem que gozou no sitio de grande celebridade, e ia mais além; não lhe soffria o animo estar neutral, e portanto, assim que se dançou a primeira roda e ouviu o preludio da segunda, correu para debaixo da janella da cozinha, e principiou a gritar:

— Jariega! Jariega! desce que sôa o tamboril em S. João, e vamos dançar uma roda que fará tremer a terra!

Catalina assomou á janella, e disse:

— Não vês que a senhora nossa mãe ralhará commigo se não trato do jantar?

— Ó mulher, deixa a comida!

— Para a gente se divertir?

— Sim. E parece-te que não vale a pena? Por uma hora de divertimento, daria vinte annos de vida.

— Não darias se fosses rico!

— Se fosse rico dar-me-hia pressa em divertir-me, porque muito ligeira que viesse a morte para impedil-o, chegaria tarde. Desce, Jariega, desce, que lá começa outra roda.

Catalina, que levava a docilidade até ao excesso, e particularmente com Santiago, tomou as possiveis precauções para que o gato não fizesse alguma das suas na cozinha, e desceu com effeito ao nogueiral.

Por comprazer ao que considerava seu irmão, foi dançar com elle; antes, porém, de terminar a roda, disse que estava cançada, e Santiago, apesar de que se via no melhor da festa, apressou-se em deixar o baile para que Catalina descançasse.

Pouco depois o tamboril tornou a soar.

A dança é antipathica ás almas delicadas e puras. Se David, que era grande poeta, dançou ante a arca santa, foi movido pelo sentimento que lhe inspirou os seus immortaes *psalmos*, e não pelo que lhe fez desejar Bethsabé; mas este ultimo sentimento é o que, com pequenas excepções, nos faz mover os pés desde que passaram os tempos biblicos. Nos tempos modernos, uma alma de poeta em corpo de dançarino seria phenomeno com que poderiamos enriquecer, exhibindo-o por dinheiro.

O tamboril tornou a tocar; e Catalina, que não queria dançar, porque a dança era antipathica á sua alma delicada e pura, tratou de distrahir a attenção de Santiago. A primeira coisa que lhe occorreu foi levantar a vista para uma cerejeira, e exclamar:

— Ai que formosas cerejas!

Santiago, que ia a dizer «vamos a outra roda», ficou silencioso, adivinhando uma coisa: que a donzella não queria dançar; e suppondo outra: que ella desejava cerejas.

— Queres, — perguntou a Catalina — que suba á arvore e t'as apanhe, ou que vergue o ramo para tu as colheres?

— Não, que te vás rasgar nos espinhos — respondeu a rapariga.

— Importam-me pouco os espinhos! — disse Santiago, trepando á cerejeira, como se realmente as suas carnes fossem invulneraveis.

E adiantando-se para um ramo dos mais baixos, que estava, com effeito, carregado das mais formosas cerejas gordaes, que é como alli se chamam as melhores d'esta fruta, dobrou-o com o peso do corpo até pôl-o ao alcance das mãos de Catalina.

Esta colheu algumas cerejas, mais para não desairar a boa vontade de Santiago, do que porque tivesse desejo d'ellas.

Santiago desceu da cerejeira, de um salto, trazendo na bocca dois pares de formosissimas cerejas unidas pelos pés.

— Has de ver, — disse á donzella, — que lindos brincos te vou offerecer.

E em cada orelha pendurou um par de cerejas, operação em que Catalina consentiu, sorrindo de prazer e agradecimento.

— Agora, — acrescentou, — offereço-t'os de cerejas, porém verás que não succede assim quando eu for rico.

— Se não pozer outros até que o sejas . . .

— Hei de sêl-o quando for ás Indias [1], o que não tardará muito, porque meu tio, que lá está, prometteu mandar-me buscar quando tivesse quinze annos, e no dia de Santiago os completo.

Catalina abaixou tristemente a cabeça.

[1] Na Byscaia dão o nome de Indias á America; e *indianos* denominam os que alli tem residido.

— Porque te entristeces?

— Ora... porque dizes que vás para as Indias.

— Que louca! Como se fôra amanhã!

— É para que vás?

— Boa pergunta! Para me tornar rico e gozar uma vida... Não querias ser rica?

— Queria, devéras.

— E que fazias?

— Eu?

— Nunca desejas nada.

— Valha-me Deus! Então não desejo nada? Vê se desejo; desejo uma gaveta cheia de dinheiro para dar meia coroa a cada pobre que chegue á porta; desejo um jardim com muitas rosas, cravos e açucenas, para compor todas as manhãs dois ramos, e pôl-os, um no altar da Virgem da Soledade, e outro no meu quarto; desejo que façam outra casa em Ipenza, porque tenho medo de viver n'uma propriedade isolada; desejo estar perto da egreja, porque me alegram os sinos, e a tristeza deixa-nos rezando ante os altares; e desejo... que não te vás para as Indias. Vê tu como desejo tantas coisas!...

Zombava Santiago dos innocentes desejos da donzella, quando lhe gritaram de uma propriedade visinha, que um rebanho de cabras invadira o sitio, cuja guarda delegára em Navarro. Correu a excitar o cão contra as discipulas, em prophecia, de Proudhon, e Catalina foi-se tambem a ver se o gato opinava na cozinha, como as cabras na granja, que a propriedade é um roubo.

Saía já a gente da missa, e tomava as entradas que conduziam ás herdades dispersas, como á de Ipenza, nas alturas.

O GAVIAL (CROCODILO DA INDIA)

« Lagrimas de crocodilo » chamavam os latinos ás que choravam, com fingimento e perfidia, os que as simulavam para mostrar dó e arrependimento do mal que faziam. E fundavam esta comparação na crença que n'aquelles tempos subsistia, de que o crocodilo, quando avistava a presa que havia de comer, lhe começavam a correr as lagrimas em fio; isto é, se lhe havia de crescer a agua na bocca, crescia-lhe nos olhos, quando via um bom manjar!

Esta expressão proloquial passou tambem para a nossa lingua, e se applica aos que parecem condoer-se dos maleficios ou damnos por elles mesmos causados. É o que se traduz pelo anexim, genuinamente portugez: « fazer o mal e a caramunha. »

Que o crocodilo não chora, bem é de suppor, sem ser necessario recorrermos á historia natural moderna; mas como o simile ficou persistindo na nossa lingua, daremos hoje em estampa a figura do crocodilo da India, chamado lá gavial, com uma noticia da sua natureza e modo de viver.

O crocodilo é o mais poderoso e formidavel de todos os lagartos. Acha-se este monstro em ambos os continentes, habitando unicamente as regiões mais calidas e torridas da Asia, Africa e America. É de côr cinzenta, ou antes livida, malhada com muitas listas transversaes e ondeadas. Alguns ha que chegam a ter mais de vinte pés de comprimento. Não podem estar muitos minutos debaixo d'agua, sem vir acima respirar; mas quando vem á flor, não descobrem mais que a parte superior da cabeça e uma porção do corpo. N'este estado parecem um madeiro fluctuando á tona d'agua. Como os olhos lhe ficam livres, o crocodilo vê assim quanto se passa em ambas as praias, e mal descobre qualquer animal que vem beber, no mesmo instante mergulha, e por baixo d'agua o váe apanhar pelos pés, puxa-o para a altura do pégo, afoga-o, e devora-o immediatamente. Os proprios homens que se chegam aos rios sem cautela, não se livram das cachimanhas do devorador appetite d'estes formidaveis reptis, e estão egualmente expostos a ser presa d'elles. Para melhor disfarçar o artificio natural do crocodilo, concorre muito a côr da pelle, e a fórma alongada do corpo, porque, se dentro d'agua parece um tronco fluctuante, em terra seria considerado como um madeiro incrustado de immundicies e lodo.

Apesar de todos estes recursos e astucias, o crocodilo pela sua falta de agilidade, pois só tem movimento facil em linha recta, muitas vezes se vê privado da nutrição necessaria; e, para impedir a contracção dos intestinos vasios, dizem que é obrigado a engolir paus e pedras.

Os negros comem-lhe a carne; mas o cheiro a fortum de que é impregnada, a torna repugnante aos que ainda não estão costumados.

A femea do crocodilo põe cincoenta até sessenta ovos de cada vez, e váe depositai-os sobre as praias arenosas dos rios e das grandes lagoas. É de notar que estes ovos, contendo o embryão de um animal tão monstruoso pela sua grandeza, não são maiores que os de uma perúa. Depois de os ter depositado, e cobertos com areia, entrega-os ao calor do sol que os choca, e tira a creação, que mal tem saído dos ovos, corre logo a metter-se n'agua, e por si mesma váe procurar o sustento. N'esta primeira edade, porém, a maior parte perde a vida, porque ou morrem devorados dos peixes, ou dos proprios crocodilos.

O gavial pertence á grande familia dos crocodilos representada no Egypto pelo crocodilo propriamente dito, na America pelo jacaré, e na Asia pelo gavial. Este ultimo tem o comprimento ordinario de 5 a 6 metros, o que já é boa estatura para um lagarto!

O gavial distingue-se dos grandes reptis da ordem dos lagartos, pelo desmedido comprimento das longas queixadas, guarnecidas de incisivos agudos, que o tornam particularmente apto para agarrar e reter os peixes, seu habitual sustento; tambem é mais aquatico, e mais raramente deixa a agua para vir a terra, que o crocodilo e o jacaré. O macho, representado na estampa, é o unico que tem na extremidade das nasaes uma protuberancia volumosa que não tem a femea, protuberancia que os naturalistas ainda não poderam, até hoje, determinar para que funcções ella sirva.

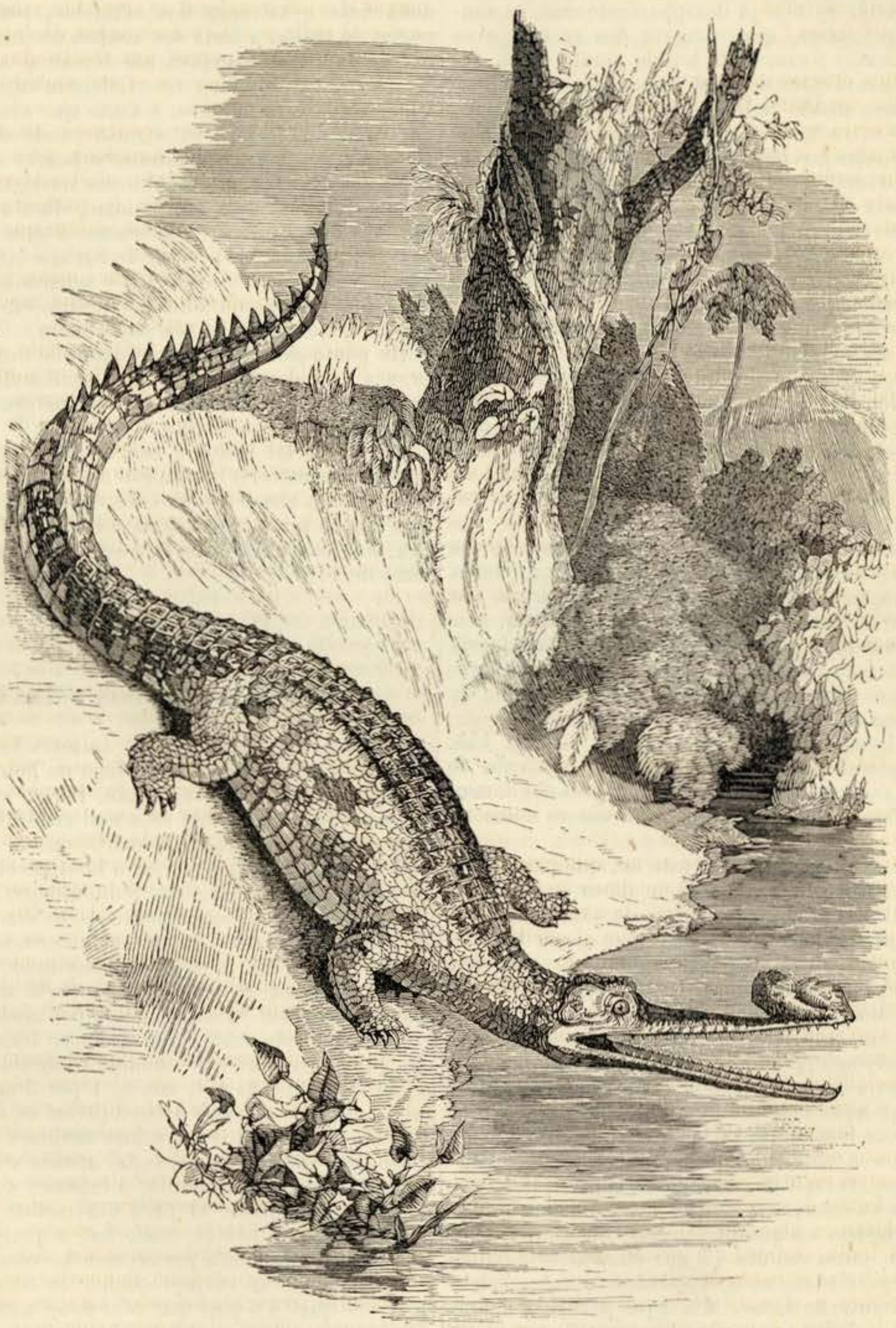
Tem-se feito acreditar ha poucos annos, que o gavial é inoffensivo para com o homem, e que vive exclusivamente de peixes. Isto é inexacto Na verdade, prefere o gavial o peixe a qualquer outro alimento, mas quando este lhe falta, e a pesca o não satisfez, recorre á caça, absolutamente como o jacaré e o crocodilo. O meio empregado por todos estes grandes lagartos é exactamente o mesmo. Pela tarde, conservam-se escondidos proximo dos logares em que os homens costumam banhar-se, ou junto dos bebedoiros frequentados pelos animaes silvestres. Se conseguem abocar alguma peça de caça, ou creatura humana, não a engolem como tem repetido muitos viajantes; arrastam-n'a para o fundo da agua, e não a devoram sem que esteja morta. O seu instincto providente o leva a esconder a presa nos logares profundos do leito dos rios, e occultal-a, rolando-lhe por cima grossas pedras.

É alli que vão procurar os sobejos quando não devoraram a presa d'uma só vez.

Os europeus estabelecidos na India, pelas margens do Ganges e de seus grandes confluentes, com toda a razão consideram o gavial como um terrivel inimigo, e por consequencia assim o tratam. Os meios ordinarios de caçar tem pouco resultado con-

tra os gaviaes: as proprias balas de ferro não lhes penetram a pelle; para os ferir, é preciso acertar-lhes n'um olho, o que nem sempre acontece, como bem se póde suppor.

Os inglezes, senhores da India, idearam recentemente um processo mais seguro, e que tem sua originalidade. Cravam uma estaca no leito do rio, em logar frequentado pelo gavial: prende-se a esta estaca um cabrito ou um cordeiro morto, cujo ventre encerra uma caixa cheia de polvora e metralha, com um fio electrico preso no interior da caixa, e outro a uma pilha de Bunsen posta na praia. Assim que o gavial se deita á presa, communica-se a explosão á caixa por meio de uma descarga electrica. A cabeça do gavial rebenta em mil pedaços sem perigo do caçador.



O gavial (crocodilo da India)

Só se conhecem duas especies de gavial, o grande gavial do Ganges e de seus confluentes, e o pequeno gavial que habita as principaes ribeiras da grande ilha de Bornéo, no archipelago de Sonda.

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

I

OS DOMINGOS DE BEMFICA

As romarias foram, desde tempos immemoriaes, uma feição nacional do nosso povo, e algumas d'ellas tem sua origem tão poetica, motivam-se em gratidão piedosa, em epocha de alguma tribulação memoravel, que embora os tempos hajam sepultado muitas

d'ellas no esquecimento e desuso, a historia deve-lhes perpetuar a lenda, e não deixar que de todo se apaguem as noticias do viver e crer de nossos avós.

Algumas d'estas devoções populares estão historiadas nas chronicas monasticas, outras em escriptos avulsos; muitas, porém, nunca passaram da tradição oral, e bastantes tem já desapparecido com os sanctuarios e logares, que o correr dos seculos e os acontecimentos sociaes tem levado diante de si.

De muitos d'estes devotos passatempos de nossos avós iremos dando noticia, recolhendo as origens, anecdotas e tradições que andam dispersas, e como que sepultadas nos impressos e manuscriptos fosseis, hoje inteiramente fóra do alcance dos leitores por sua carestia ou raridade.

Quando valer a pena, acompanharemos a lenda, ou a narrativa, de alguma estampa que interesse á arte, á historia, ou ao conhecimento dos usos e costumes dos nossos antepassados.

A devoção e romaria dos domingos de Bemfica ou de Maio, ao convento onde se venera S. Domingos, advogado e protector dos que andam sobre as aguas do mar, foi das mais populares que houve nos arredores de Lisboa. Extinguiu-se com os frades; mas agora, pela compra do convento que ultimamente fez S. A. a Serenissima Infanta D. Isabel Maria de Bourbon, nos dizem se vae restabelecer a antiga romaria.

Começaremos pois a serie das « Devoções e lendas religiosas » antigas e modernas de Portugal, com a dos domingos de Bemfica, ou de Maio, porque nos fica ao pé da porta, da cidade, bem entendido.

Por boa estreia e melhor fortuna, temol-a referida pela mais bem aparada e elegante penna dos mestres antigos da nossa lingua, pela de Fr. Luiz de Sousa, que não ha desejar nem gostar mais.

Na « Historia de S. Domingos », t. II. pag. 153, depois de concluir a da fundação do convento de Bemfica, nos conta o bom frade a origem dos domingos de maio, por estes termos, tão suaves como familiares.

« Em casa moderna, como esta he, que passa pouco de duzentos annos, não pode haver grandes antigualhas: todavia, as que forem de tanta idade como ella, já merecem memoria e honra, por lhe caberem em proporção. Diremos algumas das mais notaveis. Seja a primeira a veneravel figura do nosso Padre S. Domingos, veneravel, não pela riqueza da materia, nem primores da esculptura, mas por devoção de todo o grande povo de Lisboa, que pelo mez de maio despeja a cidade pelo vir buscar, e offerecer-lhe suas orações. E ainda que em materia de romarias tem muito poder o costume, ou a companhia, ou a imitação, não pode ser tanta a constancia em aturar esta, sem haver causa que a sustente: quero dizer, sem os que a continuão sentirem algum beneficio no que pretendem com ella.

He este santo um dos 17 que chamamos auxiliadores, e para todas as necessidades da vida grande valedor diante de Deus. Mas aqui particularmente he buscado dos que esperam por parentes ou amigos ausentes, e que andam sobre as aguas do mar; e dizem que começou a devoção no mesmo tempo que a imagem entrou no convento, referindo-a ao successo que diremos.

Partia para Alemanha certo mercador, quando os frades começavam a povoar a casa. Assentou el-rei D. João (1) com elle, que lhe fizesse lavrar n'aquellas partes, em fino alabastro, uma imagem do santo para a dar aos frades. Não foi descuidado o mercador: fez a imagem, e embarcou-se com ella. Na viagem levantou-se tormenta, e foi o perigo tal, que os que mandavam a via se deram por perdidos, tratando cada um dos remedios da alma, mais que do governo da embarcação. N'este estado foi instincto do ceo lembrar-se o mercador da peça que trazia. Cheio de animo e confiança, deu vista d'ella aos companheiros; exhortou-os a se encommendarem ao santo: esforçou-se a devoção com a necessidade: mostrou o Senhor que a intercessão do seu servo dava vida e salvação aos afflígidos; porque n'um momento cessou a furia dos ventos, abrandou o mar, e correram com bonança até tomarem a barra de Lisboa, e entrarem no rio. Celebrou-se o successo como verdadeiro milagre, e tanto que sôou na cidade, como sua vida e substancia pende de navegações, obrigou o povo a estimar e buscar a imagem, e porque constou que valêra aos navegantes que a traziam em um domingo de maio, dura a romagem em taes dias. A figura é pequena, o sitio pouco atilado, e, pera menos policia, de barba e circilho dourado, pela qual he conhecida e nomeada no vulgo. Tem seu assento no altar do Rosario em um nicho dourado, que fica aos pés da Senhora.

He ponto de considerar, e digno de ficar em lembrança, que dando de ordinario similhantes concursos occasiões a brigas e descomposturas, não ha ver nunca n'este nenhuma. »

Chegou a tal ponto a concurrencia, que se julgou indispensavel a instituição de uma feira n'aquelle sitio para abastecimento dos romeiros; e a requerimento do prior e mais frades do convento de Bemfica, lh'a concedêu el-rei D. José por alvará de 2 de maio de 1751.

DOMESTICAÇÃO DOS ANIMAES

Todos sabem que entre os animaes ha um certo numero que tem acceitado o jugo do homem, e que vivem com elle domesticamente. Porém muita gente ignora que actualmente está mui reduzido este numero, que foi avultado n'outro tempo.

No anno passado publicou o infatigavel naturalista francez Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire um mappa dos animaes que actualmente estão domesticados. Consultando os mais antigos monumentos da civilisação, achou elle a data da associação do animal com o homem; e neste mappa se lê a desairosa historia da nossa incuria nos tempos modernos.

Verificou este sabio, com pasmoso trabalho, que das 140 mil especies de animaes conhecidos, apenas temos domesticado 47!, isto é, 1 por 3 mil. E d'estas 47 especies quantas domesticaram os modernos? 13 unicamente, entre as quaes devemos notar que se contam muitos animaes que apenas servem para recreio, como, por exemplo, 3 especies de faisão, e o canario das ilhas. O perú é a melhor conquista culinaria da civilisação moderna, a qual, seja dito sem offensa, dá muita preferencia ao estomago.

Decompondo o curioso mappa de Saint-Hilaire, para ver qual é o paiz que tem dado maior numero de animaes, achámos que 29 são originarios da Asia, 7 da America, 6 da Europa, 5 da Africa. A Australia e Polinesia, paizes tão ricos de especies animaes, não estão mencionados no mappa; d'onde concluimos que para elle não deu até hoje nenhum contingente. Deprehende-se tambem d'este mappa-mundi dos animaes, que muitos d'elles não estão aclimados na Europa, o que diminue ainda mais o numero d'estes nossos servos.

A consequencia d'isto, diz o sabio naturalista ser facil de tirar, que é evidenciar este resultado a possibilidade de se augmentar consideravelmente o numero dos animaes domesticos. Quando uma só parte do mundo tem dado já á Europa mais de vinte

animaes domesticos, será bastante terem-se obtido á da Africa, ou dos estados da America, e nem um só da Australia, e dos archipelagos da Polinesia?

A civilisação actual que tem subjugado as forças inanimadas, vencendo enormes obstaculos materiaes a que nunca se abalançaram nossos antepassados, cumpre domar tambem as forças vivas, espalhadas com tanta prodigalidade por toda a natureza, e que são, como aquell'outras, incapazes de resistir á intelligencia que as queira avassallar.

As gerações de brutos nascem, crescem e morrem ao lado das nossas; participam das nossas prosperidades, e das nossas calamidades, e tomam tanta parte nas nossas vicissitudes, que a historia de uma especie de animaes domesticos poderá, á falta de outros documentos, dar-nos os principaes traços da historia da civilisação humana. Estes seres tão intimamente alliados á sociabilidade das nações, fel-os a industria do homem seus amigos, seus defensores, seus trabalhadores; uns lhe dão o vestuario, outros o alimento, evitando-lhe assim as fadigas da caça, incerta e arriscada.

O prestimo que tem os animaes reduzidos ao estado domestico parece que devêra incitar o homem a estender a sua conquista sobre especies novas; mas vemos que depressa se fatigou ou contentou; porque tem derivado a sua actividade para outros objectos. Póde-se dizer que os animaes que hoje nos servem, são quasi os mesmos que já na antiguidade estavam domesticados; e todavia temos descoberto novos continentes, onde achamos especies que os antigos desconheceram. A America tem ministrado á sciencia muitas d'estas; a Australia offerece aos olhos espantados dos viajantes uma natureza viva, differente d'aquella que habitamos, e comtudo só os naturalistas se tem avidamente apossado d'estas maravilhosas riquezas. Nem sequer se tem pensado que ha alli muitos animaes, cuja vida póde facilmente ser propriedade nossa; prover de sustento, de vestido e de forças, as nações onde ha desgraçadamente tanta fome, nudez e debilidade. Os recursos que d'estes animaes poderamos tirar, obtemol-os ainda hoje á maneira das sociedades primitivas: pelo acaso e perigos da caça!

Graças, porém, ao citado naturalista Geoffroy Saint-Hilaire, que, preoccupado desta importante questão economica, lucta ha muitos annos para que na Europa se domestique e aclime o maior numero possivel de animaes. Reconhecendo que um só homem não bastava para tentativa tão dispendiosa, conseguiu, não sem muitos esforços, empenhar já n'esta sua empreza muitas vontades e capitaes. Conseguiu formar uma sociedade particular, a qual tem já feito successivas experiencias, e conseguido resultados ainda superiores aos que antevia o sabio fundador. De dia para dia cresce o numero dos socios, e com elles os meios de dilatar as experiencias e as conquistas. Em todos os paizes vão apparecendo homens de saber e de coração, que tomam a peito concorrer por todos os modos para uma obra que interessa á humanidade inteira. Consta que em Portugal tem esta sociedade um membro mui zeloso e intelligente, o sr. dr. J. V. Barbosa du Bocage, lente de zoologia da eschola polytechnica, o qual publicou este anno alguns artigos mui noticiosos sobre os animaes domesticos, no *Diario de Lisboa*.

Os olhos são espelhos da natureza, porque n'elles se retratam as imagens de quem se vê, a que chamâmos meninas. E chamam-se meninas e não meninos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, e não para os homens.

ANTIGUIDADES NACIONAES

(Vid. pag. 159)

Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder este reino, e posto a India no estado em que se vê. Apontam-se os meios que ha para se tirar dinheiro para o soccorro da India pedido por carta de S. M.

(Reinado do ultimo Filippe em Portugal. Anno 1628.)

23.ª — Que mande V. M. que os beneficios das ilhas e terras do Brasil, com os habitos do mestrado de Christo; e que os titulos d'elles se passem pela chancellaria, e que os taes rendimentos se appliquem a este soccorro da India. E ha outro meio, tanto ou mais importante que todos os acima apontados para o tal soccorro, e é, que abra V. M. suas reaes mãos para com os homens que chamam do meio, que não são fidalgos, porque estes, estimados e levados do brio e amor natural portuguez, herdado dos antigos que descobriram e conquistaram os reinos, um filhamento, segundo os merecimentos de cada um, em uma folha de papel, que é a commenda de que V. M. lhe póde fazer mercê, os paga; e quando levantar os rigores, ou, para melhor dizer, as impossibilidades que guarda o conde mordomo-mór para tomar um por fidalgo, segundo seus merecimentos e serviços, que não são menos que querer que se toque o ceo com o dedo; mande V. M. que se passe aos mesmos homens do meio brasões d'armas pela mesa do paço, como se passavam no tempo dos outros reis, e que as cartas da cavallaria feitas a elles pelos capitães de Africa, se confirmem pela dita mesa. Todos os homens de entendimento, quando põem os olhos na miseria do tempo, exclamam a este proposito, e dizem, que com assistencia e presença dos reis passados n'esta cidade, sem terem inimigos nem tanta necessidade de homens como no presente tempo, se faziam todas estas mercês sem precederem tantos rigores; e hoje havendo tudo ao contrario, estando a pessoa real de V. M. cem leguas ausente, concluem que é coisa exorbitante; e com estes rigores tem caido os corações dos homens do meio aos pés, e dizem publicamente que não hão de ir servir das barras a fóra; d'onde vem a se passarem a Flandres muitos de experiencia nas guerras da India, que podiam lá fazer muito proveito, e mais em tal tempo. Alguns ha que para ganharem egrejas vão lá, e se lhe dão, examinando-se para a sufficiencia em Castella, sem se virem examinar ao reino, do que ha exemplos, e os mais d'elles, não em fim de muitos annos, senão ao cabo de tres e quatro, vem com uma carta da senhora infanta tão encarecida sobre serviços de cada um, que são despachados como elles pedem, aos quaes serviços de cada um, assim feitos em Flandres, tem obrigação de acudir á coroa de Castella, e não a esta; assim como acode e premêa o italiano e alemão e mais estrangeiros que andam com as armas n'aquelles estados. Mal é este por que se tem dado grande naufragio ás coisas da India.

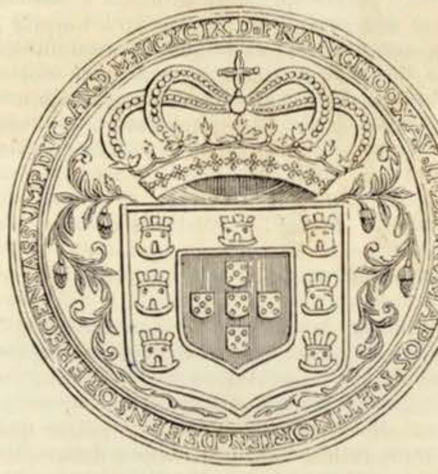
24.ª — D'este mal depende outro que notavelmente o aggrava; e são as muitas commendas que o povo vê se dão por morte dos paes aos filhos, sem irem primeiro servir a Africa tantos annos, conforme a dispensação da bulla de Leão Papa x, que com a tal obrigação e encargos a concedeu; e assim andam nos filhos, netos e descendentes como em morgado. Sobre o que (diz certo personagem pelo respeito que se sabe) póde ser que se arrependa á hora da morte quem foi causa d'isso, pois com ellas podiam ser providos outros tantos fidalgos por muitos serviços.

25.ª — Entrando com a segunda cabeça ou principios postos na 4.ª causa, que é estarem esgotados os direitos reaes d'esta coroa, e o reino a respeito d'elles estar sem sangue, assim pelo que

fica advertido das doações exorbitantes e inofficioas, feitas aos naturaes e estrangeiros, como por se puxar por elle para a defensão dos estados de Flandres, com grande perda e naufragio dos da India e Brasil, que são proprios d'esta corôa, ganhados com o sangue de seus vassallos, e á custa de suas rendas; se faz lembrança a V. M. que com os rendimentos de cem mil quintaes de pimenta, e os padrões de juro que vão correndo, de meio milhão de oiro pertencentes a pessoas particulares que os compraram por seu dinheiro para o tal soccorro no tempo do sr. rei D Filippe II, pae de V. M., se mandou desempenhar a coroa de Castella por divida em que estava aos genovezes de quantia de 700 para 800 mil cruzados, de que se passaram padrões a 8 mil réis o milheiro em 3 vidas, que tambem vão correndo na alfandega d'esta cidade. Pelos livros da fazenda e chancellaria se verá se é assim. Os armazens estão como corpos sem alma, com paredes levantadas, e telhados somente, que é lastima entrar n'elles para o que n'algum tempo estiveram, que nos dos senhores reis passados estavam adornados, para a defensão d'estes reinos, com duas mil e quinhentas peças de artilheria, com immensidade de mosquetes, arcabuzes, muita polvora, infinita munição, que tudo mandou levar para Castella o sr. rei D. Filippe I. Pelos livros dos ditos armazens se verá e entenderá claramente ser isto verdade. Que d'esta valia e quantidade mande V. M. de quantos milhões de oiro lhe vêm cada anno de suas conquistas, quando não for todo por uma vez, dar parte agora para este soccorro da India, já que esta coroa está impossibilitada para elle, e se entregou com tanta facilidade e vontade á magestade do dito sr. D. Filippe I. sem cercos de cidade e castello, nem mortes em campos formados de exercito que n'elles mettessem, como é notorio.

26.ª — Que em remate d'estes apontamentos se faz lembrança a V. M. que lançadas boas contas, e orçadas juntamente, se achará que se tem tirado e vendido das rendas d'este reino, em estes proximos cincoenta annos, 400 e tantos milhões. Os reis passados davam como podiam, regulando-se pelo que tinham de patrimonio real, dando sem excesso: pelo que, visto as doações inofficiosas acima apontadas, e





Fac-simile do medalhão de oiro, mandado cunhar por el-rei D. Pedro II, quando tomou a S. Francisco Xavier por defensor do Oriente

o muito que se tem tirado a esta coroa para a de Castella, e para os estados de Flandres, sendo as primeiras mui fundadas em contratos feitos com os tres Estados que em cortes ordinarias se celebraram por não quererem pelejar, e se submetterem ao direito que a este reino tinha Filippe I, e ficar elle obrigado e seus successores a lhe acudir com o patrimonio da coroa de Castella, como se sabe, tem V. M. de obrigação, como successor, pois se lhe passou, quando tomou posse delle, com o mesmo encargo. E pois tem tanto d'onde tirar, pelos meios apontados, não permitta que o povo tire de sua bocca e de seus filhos o que não tem; que assás ajuda a levar o peso da miseria presente com andar em alardos aos domingos com as armas ás costas, tirando de suas boccas a polvora, comprando mosquetes, arcabuzes e piques, e ataviando-se como convem, estando a terra tão cara como se vê. Sirva de exemplo o que fez el-rei de Inglaterra, estes annos passados, para ordenar a armada que mandou a Cadix e Sevilha. Se for necessario é poupar no serviço de sua mesa, como fez el-rei D. Sebastião tanto que intentou passar a Africa, que não chegava o custo dos pratos da sua a 20 cruzados cada dia.

Este é o parecer, resolução e resposta que o officio dos tecelões d'esta cidade e seu termo, com os eleitos e juizes do officio, dão á carta de S. M. satisfazendo a ella. Lisboa 3 de junho de 1628.

MEDALHÃO COMMEMORATIVO

Este medalhão foi copiado exactamente de uma gravura de madeira, feita em Nova Goa, e publicada no « Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier », peculio de noticias, impressas e manuscriptas a respeito d'este insigne missionario, colligido com muita diligencia e erudição pelo sr. Filippe Nery Xavier, official maior da secretaria do governo d'aquelle estado.

Está este medalhão pendente do caixão que encerra o corpo do santo, pela parte de fóra e do lado dos pés.

No anverso tem a effigie d'el-rei D. Pedro II, que o mandou cunhar; e em volta, na lingua latina: *Pedro rei de Portugal.*

No reverso tem o cunho das armas de Portugal, com a seguinte legenda, tambem em latim, a qual diz: *S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, agora tomado por defensor do Oriente. Anno de* 1699.

É de oiro, e tem de peso 18 oitavas e 24 grãos. Valor em xerafins 199 ½: em réis 30$800.

Pelo desenho e estilo, parece ter sido cunhado na India. Ao menos em Portugal não consta que se cunhasse. O decreto de 24 de março de 1699, que inaugurou o santo em defensor do Oriente, não faz menção d'esta medalha, nem d'ella temos achado noticia.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio